

## ARTE DE DESAMAR

## DE OVIDIO

## O AUTOR DA ARTE DE AMAR.

## PARAFRASE LIRICA

POR

A. F. DE CASTILHO

## CANTO I

(Continuado do n.º 12, pag. 107.)

Mal haja o que receita contra amores  
de beberagens thésalas triaga,  
crendo que a succos de hervas e de flores  
virtudes communique industria maga.  
De embustes, de abusões de embahidores,  
a idade que passou viveu mui paga;  
esta nossa o ridiculo refusa;  
não dês feitiços, dá remedios, Musa.

Não iremos no horror da treva escura,  
á voz possante de conjuros tetros,  
evocar da pasmada sepultura  
espavoridos, líridos espectros.  
A abrir-se em boqueirões a terra dura  
não forçaremos com profanos metros;  
a velha saga, espirito da noite,  
mas nunca a Musa minha a tal se afoite.

No chão em que nasceu, folgue a seara,  
que a não faremos transmutar de assento;  
brilhe de Phebo a aureola preclara,  
que empanal-a de eclipses não intento;  
o astro gentil que as noites nos aclara  
siga em seu carro de brunido argento;  
corra em seu leito, immune como d'antes,  
o loiro Tibre aos mares espumantes.

Não euro de encantados venefícios  
contra as magas prisões que a Idalia tece.  
Para vencer, Amor, teus malefícios,  
de enxofres a fumar não se carece.  
¿Foram acaso á Colchide propícios  
seus magicos arcanos, por que dêsse  
mate á paixão, cuja violencia brava,  
mau grado seu, da patria arreatava?

¿E tu não menos, abrazada Cyree,  
que effeito colhes das possantes hervas?  
prohibes a teu Ithaco o partir-se?  
reacendes-lhe o ardor que em tí conservas?  
Vês teu ledo futuro desmentir-se?  
de saudades comida ao longo observas  
o que nem a sonhar talvez previsses:  
sumir-se no herisonte a nau de Ulysses.

Nem co'os encantos do gentil aspecto,  
nem mesmo co'os da abscondita sciencia,  
poderste ao desleal prender o affecto;  
tu choras, elle ri da eterna ausencia.  
¿De tuas artes o condão secreto  
apagar-te-ha sequer a interna ardencia?  
Triste! a que humanos transformaste em feras,  
mudar teu fero amor debedle esperas!

NUMERO 15

Consta, que na afflicção da despedida,  
ao fugitivo ingrato em ais clamáras:  
«Esp'ranças, em que eu punha a luz da vida!  
avás illusões, ao coração tão caras!  
«de himyneu ser co'os vinculos unida  
ca ti, que toda esta alma avassalaras,  
aera, que o terei sempre na memoria,  
a minha ambição, meu sonho, a minha gloria!

«Deusa e filha do Sol, julguei-me digna  
«de chamar-te algum dia o meu consorte;  
«não n-o quizeste; a amante se resigna,  
«sem que esse desengano o amor lhe corte.  
«Já que a sorte commigo é tão maligna  
«que te ordena deixares-me, da sorte  
«já tambem me não queixo; aos fados cedo;  
«parte, parte, cruel, mas não tão cedo.

«Supplico-te uma espera, embora breve;  
«todos meus votos neste só resumo,  
«colha o mar! quem agora se lhe atreve?  
«colha as nuvens! o vento é noutra rumo;  
«não tardará monção que em bem te leve,  
«choje, e assim, era fuga, e eu não presumo  
«que tu fugindo vás de amiga terra,  
«onde nem Troyas vês, nem Rheso em guerra.

«Aqui só vês amor, só paz se gosa;  
«aquí é Circe a unica ferida.  
«Fica-te nesta ilha fortunosa,  
«que a reímares sobre ella te convida.»  
Mais ia por diante a desditosa,  
quando já, vela aos ventos desferida,  
como elles surdo a preces e a meiguices,  
ia os mares rasgando o sabio Ulysses.

Arde Circe; acudindo ás artes suas,  
lhes pede para Amor um lenitivo;  
baldado empenho! ás penas já tão cruas  
dobra o proprio remedio o fogo activo.  
Tu pois, que as amorosas magoas tuas  
pretendes expulsar do peito esquerdo,  
despresa da magia a futil arte;  
a minha segue, e lograrás salvar-te.

Como de Circe Ulysses  
dizia-te eu pouco ha, veloz fugisses  
para longe, e bem longe! e ausencia larga!  
Dou porem que um obstaculo te imbarga,  
e tens necessidade  
de persistir, como ella, na cidade;  
fica-te muito embora,  
mas aos conselhos meus attende agora.

Leva a palma a vencedores,  
quem grillhões, com que não pôde,  
com tal impeto sacode,  
que em pedaços os desfaz.  
Já o peito lhe não bate;  
numa dor matou mil dores;  
Num relance de combate  
conquistou perpetua paz.

Se ha 'hi valente igual, heroe dotado  
de tamanha hombridade, em mesmo inclino  
a seu esforço a frente, e já declaro  
que não sou mestre de varão tão raro.

A ti, que insano lidas  
afim de desamar, e bem deveras

quererias podel-o, a ti só fallo;  
para ti sou eu mestre, e vou proval-o.

Das semrasões da barbara  
percorre a miúdo a lista;  
teus males, seus escandalos,  
a um e um regista.

«Insaciavel! soffrega!  
«dei-lhe isto e aquillo... e agora...  
«tê o patrio domicilio  
«sem pena me devora.

«Fêz-me tal jura, a perfida!  
«quebrou-m'a assim! na rua  
«jazer-me fez, sem lastima,  
«anoites à porta sua!

«Tem outros; aborço-lhe;  
«refusa-me, e talvez  
«pernoite avara e sordida  
«co'o vendilhão freguez!»

D'essas proesas picaras,  
volvidas, revolvidas,  
vem-te o azedume, o tedio,  
atê que odiar decidas.

Quizera-te eloquencia,  
que em lances taes servira;  
mas, se a não tens, tens colera,  
que a suppre, e que te inspira.

Ha dias namorando-me  
de certa rapariga,  
vi, nos faltava em genios  
a necessaria liga;

quiz-me curar eu proprio,  
fui Podalirio mór;  
mas (que vergonha!) o medico  
de mal ia a peor;

atê que emfim remedio  
me foi, qual ser costuma,  
catar na moça minguas,  
desfial-as uma a uma:

—«Que pernas tão ridiculas!  
quem gostar d'ellas hade!»—  
(mas eram pernas optimas  
digamos a verdade.)

—«Pois braços! tem-nos pessimos!»  
dizia carrancudo,  
se bem que eram lindissimos,  
como é formosa em tudo.

—«Que mão (torpe calumnia!)  
e então que interesseira!»—  
Com isto é que o meu odio  
largou toda a carreira.

*Mau, bom*, moram tão proximos,  
tão vago é seu descrime,  
que muita vez a critica  
troca a virtude em crime.

Da moça pois, aos meritos,  
mui bem farás, se pôes

sô co'o trocar sinonimos,  
a pecha de senões:

se é cheia, chama-a turgida;  
se moreninha, preta;  
se esbelta, vai-lhe o epiteto  
de mumia, ou de esqueleta.

De sensabor e rustica  
se apoda acomedida;  
e a que não fôr selvatica  
despacha-se atrevida.

Passa inda a mais: se á misera  
fallece, ou prenda, ou graça,  
faze, a poder de supplicas,  
saia com isso á praça:

se é desastrada, bailc-nos,  
por mais que se retorça.  
¿Canta sem voz, sem methodo?  
tem de cantar por força.

¿Toca bem mal? vá cithara.  
¿Falla bem mal? bem bom!  
assula-a no dialogo;  
palre sem tom nem som.

Que gire é necessario,  
se o seu andar é feio.  
Faxas prohibe ao turgido,  
ao monstruoso seio,

A dentes mãos, saes comicos,  
que a risos dêm logar;  
a olhinhos piscos, languidos,  
historias de chorar.

Ir de manhã, e a subitas,  
antes de ataviada,  
colhel-a em sua camara,  
receita é mui provada.

Galas são tudo; o fulgido  
das gemmas e oiro inflama,  
captiva, incobre; o minimo  
na dama é a propria dama.

Nesse de enfeites pelago  
nadas, a ver se a atinas;  
torna-se o luxo em egide  
de Amor nas mãos divinas.

Entra improviso, attonita,  
de encantos desarmada...  
cae-te do altar a idole  
aos pés aniquilada.

A regra é certa e próvida  
(mas excepções ha nella:  
vi dama singelissima  
sem arte inda mais bella.)

Prosigo a regra: intrepido  
rompe no quarto, quando  
ella estiver co'os toxicos  
o rosto besuntando.

Verás bocetas, fármacos,  
macinhas, cores! fio

que até verás o ésipto  
correr-lhe ao seio em fio!

O fetido, o espectáculo,  
¿soffre-os alguém?! não eu;  
nem dou por mais esqualidas  
as mesas do Plineu.

Ha contra amor antidotos.  
Cipria, em teus próprios dons.  
¿Não são para curarino-nos  
todos os meios bons?

Cantal-os-hei... tu coras-me!  
socega, ó musa minha;  
diremos só pouquissimo,  
que o mais bem se adivinha.

*Continuar-se-ha.*

### ALEXANDRE, CONDE DE CAGLIOSTRO

Assim se appellidava um famoso aventureiro que no último meado do século XVIII, por algumas receitas e curas felizes, sobre tudo por seus suppostos milagres e inexplicavel opulencia, fixou por algum tempo a attenção da Europa.

Nascido em Palermo, Sicilia, a 8 de junho de 1743, d'uma familia obscura, aproveitou-se habilmente d'esta mesma obscuridade para lançar sobre seu berço um véo mysterioso. Seu verdadeiro nome era José Balsamo, que trocou depois em França pelo de Cagliostro, que era o de sua tia e madrinha, natural de Messina.

Joven, sem recursos, e com uma educação pouco esmerada, escaceiavam-lhe os meios para entrar no «grande mundo» onde o chamava o desejo de figurar; todavia cogitou, e sua alma ardente e precoce corrupção supriu esta falta.

Sua primeira ideia foram as viagens; como porem lhe minguaesse o dinheiro, pôz em execução seu falso commercio com o diabo; o qual, no dizer do povo, foi d'ahi em diante o fornecedor dos meios necesarios á grande ostentação e luxo de sua casa.

A um certo ourives, chamado Marano, pôde fazer acreditar que no fundo d'uma gruta, na Sicilia, designada por elle, Satanaz tinha sentinellas postadas noite e dia vellando na guarda d'um thesoiro immenso occulto entre as fragas.

O ourives deslumbrado com a promettida posse do thesoiro, deu-lhe logo outro, á conta de gratificação: sessenta onças d'ouro.

Munido d'esta somma, o joven thaumaturgo desapareceu dando começo a suas longas viagens, que não terminaram senão em 1789 no castello de Santo Angelo em Roma.

Grecia, Egypto, Arabia, Persia, Rhodes, e Ilha de Malta, foram os theatros onde se representaram os primeiros actos de sua vida aventureira. Por alli distribuiu e proclamou elle seus remedios universaes; nas praças, nos

palacios, e nos harens. Suas receitas eram as pillulas de aloés ou um elixir vital cujo principal elemento era ouro e aromas.

Apresentava-se elle mesmo como um assombroso exemplo do poder d'este elixir, attribuindo a suas incomparaveis virtudes a mocidade e força que representava, apesar dos seus cento e cincoenta annos bem contados!

Foi com o nome de Acharat, discipulo do sabio *Althotas*, que percorreu todo o Levante, onde o scherif de Meca o chamava, diz elle: *O infeliz filho da natureza.*

Quando as circumstancias o pediam, o impostor tomava os nomes de conde *Harat*, de conde *Fenix*, de marquez *d'Anná*, de *Tischio*, de *Melissa*, de *Belmonte*, e de marquez de *Pellegrini*: foi debaixo d'este titulo, que a requerimento do implacavel Marano, tendo-o reconhecido, o prenderam em Napoles em 1773; mas dezassete dias depois sahia da prisão.

A este grande feiticeiro tornava-se de absoluta necessidade uma Circe que o auxiliasse: encontrou-a finalmente em Veneza na filha d'um fundidor de cobre, a bella *Lorenza Feliciani*, que obteve por esposa. Seus encantos deram mais ouro a seu marido que o cadinho de Hermes. De resto, parece que ao mesmo Balsamo não faltavam exterioridades, sempre uteis aos intrigantes para fazer cahir com mais facilidade os logrados.

La Borde, nas suas *Lettres sur la Suisse*, diz: «A presença de Cagliostro annuncia espirito, exprime o genio, e seus olhos de fogo lêem no fundo das almas.»

De Italia, Cagliostro passou ao norte da Europa. Era em 1779. Mittau, em Courlandia foi sua primeira paragem antes de ganhar S. Petersburgo. Tinha calculado que aquelle theatro era excellente para adquirir numerosos admiradores, não querendo entrar na capital do grande imperio senão precedido do renome d'homem maravilhoso, alcançado na mesma Russia.

Com effeito não tardou muito que não visse agrupadas em redor de si as mais illustres familias de Mittau; e foi então que por ordem superior fundou uma loja-magónica, em que tambem se admittiam mulheres. Ahi discursava publicamente, fazendo a mais estranha mistura da theosophia christãa e invenções do paganismo, dando a crer que possuia profundos conhecimentos das sciencias phisicas e sobrenaturaes, evocando os espiritos. Citase entre as pessoas que lhe deram credito n'esta cidade, a condessa Eliza von der Recke, sobre a qual exercia uma tal fascinação que chegou a formar o projecto de o acompanhar para toda a parte.

Antes de entrar em S. Petersburgo passou Cagliostro por Varsovia. Todavia, na corte de Catharina—a qual tinha muito bom senso para se deixar cahir no logro, e que tomou ainda a deliberação de o escolher e a seus setarios por heroes d'uma comedia satyrica,—fez um completo *fiasco*. Compreendendo tarde que nada tinha a esperar d'um tal paiz, deu-se pressa em deixal-o para vir explorar a França, que foi em todos os tempos a terra promettida dos chartalae. Desde 1780 que Strasburgo o recebia com enthusiasmo; seu titulo e opulencia, o luxo que

o cercava, o desprante de suas maneiras e sobre tudo a grande audacia de que era dotado soube inspirar consideração ás pessoas mais illustres d'aquella cidade. Percorria os hospitaes, auxiliava os doentes com soccorros e bons conselhos, curando elle proprio as chagas mais asquerosas; os bons alemães consideravam-no como um ser sobrenatural. Ajuntai ainda a isto as cartas de recommendação, em que se elogiava o nobre estrangeiro; e avaliareis que grande confiança devia ter em si mesmo o impostor. Tal segurança em seus proprios recursos era uma parte de sua força.

Deve ainda subir de ponto a nossa admiração, quando vemos tantos homens notaveis, e entre elles o celebre fisionomista Lavater, illudido e enganado como os outros. Persuadido que Cagliostro era verdadeiramente um enviado de Satanaz, o bom ministro de Zurich teve de sustentar com elle discussões fortissimas a tal respeito. De barato dava o excellente prelado a vida pela gloria de triumphar d'aquelle inimigo de Deus e dos homens.

Quando Cagliostro chegou a Paris, havia despertado desde muito a curiosidade geral; esta curiosidade tornou-se dentro em pouco fanatismo.

Fez-se elle annunciar como o fundador do rito *Egiptio* da franc-maçõnaria, onde um de seus filhos, designado aos adeptos debaixo do nome de *Colombo* lia o futuro n'uma garrafa cheia d'agua: a fantasmagoria era arte desconhecida n'essa epoca. Cagliostro conquistou logo o nome e o prestigio devido a quem possuia o dom de evocar os mortos. Com tanto que se lhe seguisse um preço razoavel, fazia-vos conversar com os esqueletos dos homens mais celebres do tempo passado. Ainda mais. O *grande cophta ou veneravel*, era elle. Mediante seu famoso elixir promettia a immortalidade, ou outorgava o poder de fazer ouro.

De Paris, sem duvida para não dar tempo a esfriar o prestigio que o circundava, Cagliostro passou a Londres, onde não teve mais fervorosos encomiastas que os partidarios de Swedenborg.

A 30 de janeiro de 1785 voltou a Paris. Foi alojarse na rua de S. *Claude* no *Marais*. Sua morada foi logo o local onde se reuniam as personagens mais influentes da corte. A casa era bastante espaçosa; lá vivia tambem M.<sup>me</sup> de La Motte.

Era alli que ambos recebiam as visitas do cardeal Luiz de Rohan. Estas relações quando se descobriu o triste e estrondoso negocio do *collar* obrigaram a policia a fixar os olhos sobre Cagliostro: foi preso a 22 de agosto, e encarcerado na Bastilha. A condessa de La Motte accusava-o de ter recebido o collar das mãos do cardeal e tel-o desfeito depois augmentando com elle o thesouro occulto de sua fabulosa riqueza.

Cagliostro defendeu-se n'uma memoria escripta, esforçando-se em provar que a origem de sua opulencia não era o roubo nem o engano; indicando ao mesmo tempo todos os banqueiros da Europa sobre quem firmava letras. Culpado ou não, mas geralmente suspeito, foi por sentença do parlamento de 31 de maio de 1786, absolvi-

do assim como o ca-deal. Todavia ambos foram exilados. Cagliostro retirou-se para Inglaterra demorando-seahi dois annos. Depois, percorreu successivamente Baden, Vienna, Aix na Saboya, Turim, Genova, Verona, e finalmente Roma, onde se deu o derradeiro e mais tragico acto de sua vida. A 27 de dezembro de 1789, foi preso pela insinuação e processado como *illuminado* e franc-maçõn. Uma bulla do papa, promulgada havia pouco, condemnava á morte os filiados n'estas sociedades secretas; esta sentença foi commutada para Cagliostro em prisão perpetua.

Do forte de Santo Angelo transferiram-no passado tempo para o castello de S. Leão, proximo de Roma, onde morreu em 1795.

Sua mulher acabou seus dias no convento de Santa Apollina cumprindo a mesma sentença.

Pergunta-se ainda d'onde vinha o dinheiro necessario ás profusões d'este intrigante. O povo, assim como Lavater, attribuia estas riquezas ao commercio com o diabo; outras pessoas, menos esclarecidas, asseguravam que provinham da sciencia hermetica; e finalmente no dizer de outros era o fructo de suas maravilhosas curas e remedios. Parece-nos que os ultimos se aproximavam da verdade. Em todos os tempos a venda de remedios ou receitas desconhecidas e efficazes, tem sido uma verdadeira mina de ouro. Em nossos dias qualquer massa opiada apresentada como efficaz para o reumathismo não vale ao charlatão, que indica a formula d'ella, rendimentos exorbitantes?

No seculo XIX Cagliostro teria explorado em grande e com mais proveito este commercio, fundado mesmo um jornal que poderia ter talvez mais de sessenta mil assignantes. A famosa *Lorenza Feliciani* poderia tomar parte na redacção, e esta qualidade não lhe seria menos util que a da galantaria. Quem sabe? Pode ser que Cagliostro annunciando-se como reformador social tivesse podido fundar uma nova religião! Em todo o caso, confessemos que o seu grande mal foi vir ao mundo sessenta annos mais cedo.

(Extracto.)

## OS QUADROS CAMBIANTES

DE

CANDIDO DE FIGUEIREDO

(CARTA AO MEU AMIGO JOSÉ ANTONIO SERRANO)

No programma pomposo d'uma obra insignificante, li ha pouco, meu amigo, que estava nos ultimos paroxismos a poesia individual, poesia que exprime as alegrias e dores do poeta, que canta, que a philosophia d'alem Rheno chama subjectiva, e a que romancistas e poetas dão o suave nome de lyrica.

Era arrojada a asserção, tinha seus visos de prophetica, desejei porém que os successos a não desmentissem, e tive fé n'ella.

Substituirem-se na poesia os homens pelos factos, cederem o passo os sentimentos do poeta ás aspirações da humanidade, parecia-me maravilha, que só podia realisar-se n'uma epoca de desinteresse e abnegação, de fraternidade e de paz. Sonhei uma idade d'ouro, desejava-a, julguei-a chegada. Via já as charnecas arrelvando-se e cobrindo-se de flores, os desertos convertendo-se em oasis, os valles em edens; antolhava horisontes mais vastos e céos mais formosos; apresentava ares mais puros, mais harmonia no canto das aves, menos bruteza nas feras, mais humanidade nos homens.

Ruins paixões, e falsos juizos, meu amigo, não afogariam, como hervas damninhas, a pobre humanidade; o egoismo tinha de fugir de corrido, e pullulavam Castros desinteressadissimos na nossa terra, e tinhamos um ministerio ás direitas, e salvava-se tudo.

Os empregados da secretaria do Parnaso, pois que morria o genero lyrico, eram todos demittidos pelo novo governo poetico, e não liamos mais descripções da alvorada que alegre, do crepusculo que faz saudades, nem ouviamos mais queixas contra o nordeste, que varre as folhas das arvores, e as crenças do coração. Tinhamos idade d'ouro, meu amigo, e idade d'ouro, que havia de começar muito breve, e não no anno de tres mil, como a que Beranger prognostica.

Para desabrochar tanta flor odorifera, para se formar tanto fructo salutar e saboroso, para se haver lucro tão grande, como este, só tinha de desaparecer a poesia lyrica; desejava pois que ella morresse, e desejava-o com ancia.

Hoje estou d'outro bordo; deseri do Propheta, em que já tive fé, e faço votos pela conservação do que, ha pouco, desejava ver morto.

Ha de perguntar-me de certo como se trocou a desafeição d'hontem, na sympathia d'hoje, como se converteu o odio em amor, como do espinho brotou a rosa, e o fel se resolveu em ambrosia;—háde querer saber quem operou esta revolução nas minhas ideas, e nos meus sentimentos; digo-ll'ho aqui, meu amigo,—foi um livro de poesias lyricas, intitulado—*Quadros Cambiantes*—, a cuja leitura o convido.

Candido de Figueiredo, moço de poucos annos é o auctor d'este livro; não o conheço, mas por mais d'um motivo sympathico com elle; parte da sua mocidade n'uma cella de Seminario a tem passado, assim como eu; d'um Seminario tomou tambem vôo para esta terra, d'onde lhe escrevo, terra de promissão para os sequiosos de sciencia; é além d'isto entusiasta d'aquelle Gomes d'Amorim, cujas poesias maritimas foram trovadas tanto do coração, que são tão portuguezas, tão vivas no colorido, tão fortes nos toques! poeta, que aprendeu a sel-o na escravidão e nos bosques d'America, nas tormentas e na dença, e cuja magnifica poesia—*A Corveta*—nós lemos tanta vez, e sempre com deleite e com gosto nas ferias do verão.

De Candido de Figueiredo, d'este admirador de Gomes d'Amorim, lhe vou hoje fallar; sabe que ponho de

parte afeições quando avalio, como sei, um livro qualquer: não temerá portanto que seja parcial, e posso sem mais proluções entrar em materia.

Deus e o amor, e fé em ambos, são as ideas primarias dos *Quadros Cambiantes*, as que n'elles mais ayultam, as que respiram e exhalam perfumes em todas as estrophes, e em todos os versos.

Para Deus vai a primeira poesia de Candido de Figueiredo, primeira na ordem da collocação, e primeira no merito entre as do livro; leia-a, e verá que ha novidade no modo, porque elle desenvolveu assumpto tão seguido, e que sem cahir na lingoagem inchada, molestia epidemica nas litteraturas que decahem, conseguiu dar-lhe um tom elevado e sublime, e que sem ser escuro foi apocaliptico.

Ahi vae a primeira quadra d'esta poesia:

Quem tiver olhos veja, oiça quem tem ouvidos:  
escute a voz da terra unida á voz dos Ceus;  
Contemple o grande e o bom e o bello confundidos  
no incomprehensivel Ser, no Ser dos seres—Deus!

Diga-me se não é este o portico magestoso d'uma cathedral gothica, cheia d'arrendados, que encantam, firmada em columnas de granito, que causam respeito. Leia depois as quadras seguintes:

A's vezes vou sosinho, e sento-me a deshoras  
da montanha d'alem no ingreme pontal:  
Contemplo! fico abortio! e deixo n'essas horas  
librar-me onde se libra a luz celestial...

Então quizera eu que o impio acompanhasse  
d'esta alma o vôo andaz nos páramos dos céus:  
eu lhe ergueria a ponta ao veu que esconde a face  
d'onde deriva a luz—a face do meu Deus!

Ah! lave quem for cego, os olhos, com colirio,  
e do que palpa e vê escolha se quizer  
a mais humilde flor—o aveludado lirio;  
estude-o folha a folha, aprenda a amar e erer!

Estude-o! Eu bem sei que uma falaz sciencia  
esmaga a flor humilde, abrindo os livros sens!  
Homem! rasga o teu livro, escuta a Providencia;  
o livro é obra humana, a flor... obra de Deus.

Eu leio a toda a hora o livro perfumado  
aberto pelo sol em placidas manhãs,  
falla-me cada flor da gloria do Increado,  
e deixa-me esquecer do mundo as glorias vãs.

Magestosas naves são estas, e dignas do portico imponente, irmãos do primeiro, e encantadores como elle estes floreios e ornatos. O critico que pedir ao poeta a inspiração, o *est Deus in nobis*, contentar-se-ha por certo; o que exigir tambem o rigor da lingoagem só poderá notar na segunda estrophe a palavra—*páramos*— que é talvez menos propria.

Corra-se porem a cortina sobre esta poesia: não lhe prometti transcrever todas as bellezas dos *Quadros Cambiantes*, nem tenho licença do auctor para reeditar o seu livro. Vou mostrar-lhe parte dos toques e rasgos d'alguns outros quadros.

Ha no livro que analyso poesias de pouca extensão; em canteiro acanhado é difficil fazer vir a lume flores, que deiletem pelo aroma, que agradem pelas cores e enthusiasmo e fogo poetico, que tomam força, e ganham alento com o decurso da composição, não tem tempo de se accenderem n'uma poesia de tres ou quatro estrophes; leia todavia as poesias que nos *Quadros Cambiantes* têm esta extensão, e encontrará n'ellas o sinete do genio, verá quadrosinhos mimosos, que ainda atrahem a vista ao pé dos grandes paineis.

O Soneto—*Duas Mães*—dedicado ao snr. Thomaz Ribeiro, a poesia intitulada — *L'Amour c'est la vie*— as *Flores Tristes*, e a poesia que vem apoz, o *ultimo Canto*, e o *Epitaphio*, são bellas em verdade; por mais curta trascrevo-lhe aqui esta ultima:

A's horas tristes, em que o sol se esconde  
em veus de purpura, da tarde ao fim,  
venho saudades espalhar aonde  
a negra morte te escondeu de mim.

N'essas mansões, lá onde a luz rebrilha,  
a eterna luz que a circumdar-te vai,  
acolhe o preito d'este amor de filha,  
tu, que sentiste todo o amor de pai.

As poeticas, hoje esquecidas, que regulavam os vôos dos poetas classicos, dos imitadores da Grecia e de Roma, as duas nações, que tem a mais bella historia, e a mais bella litteratura mandavam que as poesias do genero epigrammatico, genero, que comprehendia todas as especies de poesia lyrica, fossem fechadas com chave d'oiro ou de prata, isto é, com pensamentos notaveis ou por conceituosos e sublimes, ou por engraçados e agudos. Proclamou-se a liberdade litteraria, as ordenações do reino foram substituidos pelo Codigo Civil, arrumaram-se as poeticas como inuteis, e ninguem as estuda, mas Candido de Figueiredo faz naturalmente o que, ha annos, se fazia por arte; os versos:

acolhe o preito d'este amor de filha,  
tu, que sentiste todo o amor de pai.

não os engeitava por certo qualquer dos nossos poetas, que primasse em agudeza de finaes.

Nas poesias mais extensas revela-se igualmente o genio, e este genio tem por feição caracteristica a suavidade e doçura do pensamento, suavidade e doçura, que muitas vezes se revela e se vasa em estrophes melodiosas pela rima, e pela combinação dos esdruxulos com versos, ou graves ou agudos.

D'esta forma poetica, que é toda romantica, que pertence de direito á litteratura moderna, e só a ella, e que, se acanha muitas vezes o pensamento, algumas

outras o reveste de gentileza e de garbo, suprimdo-lhe a falta de valentia, e encobrimdo-lhe a vulgaridade, d'esta forma, digo eu, tirou Candido de Figueiredo não pequeno partido, como pode ver pela poesia—*Ao nascer do sol*— (imitação de Hervey) que passo a transcrever-lhe:

As sombras do crepusculo  
dissipam-se ao chegar  
do sol, que beija esplendido  
o val, o monte e o mar,

A flor entreabre o cálice  
aos osculos do sol;  
e erguendo a voz os passaros,  
saudam o arrebol.

É tudo um hymno, um canticco  
que se ergue ao Creador;  
formam concerto unisono  
a ave, o rio, a flor.

Se a flor, o rio e os passaros  
a Deus louvando estão,  
não guardes tu silencio,  
ó rei da criação.

Esta mesma suavidade apparece nas poesias em que a forma foi outra, onde os versos graves se casaram unicamente com versos agudos; abra os *Quadros Cambiantes* a paginas 101 e leia a poesia — *Mãe e Filha* — e terá prova d'isto.

Doce e natural é o dialogo, que forma a poesia, que lhe cito, o seu gosto delicado encontrará por certo nas reprehensões e conselhos da mãe todas as meiguices, que as mães sabem pôr nas suas fallas, ainda quando censuram, todas as rosas, que ellas espargem no caminho da virtude e do dever, quando nos tomam pela mão e nos dirigem por elle; nas respostas da filha verá a innocencia a reflectir-se em flores de sentimento, puras, como o coração, em que abrolham, frescas, como os labios, que lhes servem de jarras e onde vem ostentar-se.

Começa uma criança a sua tarefa de innocencia, o brinquedo, e chapinhando na agua d'um arroio, colhendo as violetas, que se lhe emboscavam na relva das margens, sentando-se a enramalhetal-as, esquece-se da casa, que a abriga, da mãe, que a estremece, e para quem foge já quasi noite, quando uma tempestade se começava a formar e a fazel-a tremer. Oiça agora a mãe:

—; Inda agora minha filha?  
toda a tarde sem te ver!  
és ainda pequenina,  
bem te podias perder.

Depois, bem vês que os meus beijos  
não podem tal desamor;  
eu quero a cada momento  
beijar-te e abraçar-te, flor.

Mas ja que por tantas horas  
 não logrei os risos teus,  
 vem pagar o que me deves,  
 chega teus labios aos meus.

Como rouxinol desafiado por outro, e que a trina-  
 dos meldiosos replica com gorgeios igualmente suaves, a  
 filha responde:

Eu tambem amo os teus beijos,  
 tambem sei que sou pequena;  
 Mas o sol ia tam brando,  
 e a tarde ia tam serena!

Continua depois a contar como se enlevou no brinque-  
 do, e esqueceu tudo por elle, e como os primeiros rumo-  
 res da trovoadá lhe fizeram saudades do regaço da mãe,  
 onde se agora senta; do seio onde esconde o rostinho para  
 não ver os relampagos, e junto do qual adormece.

Eu não sei se já leu as poesias de M.<sup>me</sup> Girardin.  
 Ha entre ellas uma—*La Tempete*—que dá ares d'esta, e  
 muito se simelha com ella; é tambem um dialogo entre  
 mãe e filha, filha, que deixa a costura, e se entristece  
 com a tempestade, mãe, que a reclina no collo, e a  
 adormece cantando; confronte as duas poesias, são am-  
 bas formosas, ha porém na da poetisa franceza mais ro-  
 bustez de pensamento, mas tem esta por certo mais sua-  
 vidade e lyrismo.

Outras poesias além das que tenho citado exigem  
 louvores e convidam a transcripções; responder-lhes aos  
 reclamos e ás exigencias era ser prolixo, e ser prolixo  
 é ser enfadonho, deixo pois as poesias originaes, e vou  
 fallar-lhe das traducções, que ha nos *Quadros Cambian-  
 tes*.

É difficil, e muito, transplantar arbustos mimosos  
 d'um clima para outro: estranham o terreno, e quasi sem-  
 pre se tornam rachiticos; todavia as traducções de Can-  
 dido de Figueiredo tem muita seiva de poesia, muito  
 ar de naturalidade.

Não lhe fallando da *Prisão d'amor*, lindo madrigal  
 de cujo pensamento se aproveitou *Elpino Duriense* na  
 ode—*Ao Cabello de Marina*—nem do *Santo Sepulchro*  
 —convido-o a abrir Horacio no *Epodo 15* endereçado a  
 Nera, e os *Quadros Cambiantes* a paginas 77, vá lendo a  
 par, que o poeta romantico traduz o poeta classico.

Vestirá o anjo da poesia christã as roupagens roça-  
 gantes da musa dos Romanos para lhe repetir as ideas?

Na harpa, que não em a lyra, encontra ecco por esta  
 vez a poesia de Horacio, é a melodia da rima e não a  
 magestade do endecassylabo solto que substitue o hexa-  
 metro intermeado do jambo.

Avisadamente andou Candido de Figueiredo em  
 trajar com taes vestes a ode de Horacio; as musas dos  
 vates Romanos e Gregos, guerrêadas e affrontadas como  
 inimigas da poesia d'hoje podem ser vestidas á moda, bri-  
 lhar entre o côro das musas christãs e assistir aos seus  
 concertos para lhes modificarem a tempos o delivio do  
 canto lembrando-lhes a correção das suas vozes.

Servindo-se da quadra rimada e combinando o ver-  
 so esdruxulo com o grave, Candido de Figueiredo não po-  
 dia ser rigorosamente fiel, mais laconico foi algumas ve-  
 zes do que o seu original, outras vezes traduziu uma  
 ideia exprimida simplesmente por uma periphraise, n'est-  
 tas porém foi summamente feliz.

Jura Nera a Horacio que em quanto o lobo der cor-  
 so ao cordeiro, e Orion, que os marinheiros temem revol-  
 ver e enaçar o Oceano, e a brisa affagar a cabelleira  
 d'Apollo, ella lhe ha de pagar amor com amor.

Este ultimo pensamento, que no original vem ex-  
 presso d'est arte *Fore hunc amorem mutuam* traduziu  
 Candido de Figueiredo por esta forma:

Eu juro, amigo, juro-te,  
 Que sempre d'este peito,  
 Beijos virão aos labios  
 em troca dos que aceito.

Perdeu o original com a periphraise? Para mim te-  
 nho que não, mas decida o meu amigo.

Ainda antes de me retirar deixe-me discorrer a ca-  
 pricho pelos tableiros d'este jardim tambem collocados  
 sem ordem; quero colher aqui uma folha, acolá um bo-  
 tão.

A pag. 38 dos *Quadros Cambiantes* lê-se:

eu choro um companheiro de viagem,  
 Não sei se por sentir a sua ausencia,  
 se por o não poder acompanhar.

Não são bons o segundo e o terceiro verso, mas é  
 bonito o pensamento.

A pag. 123 encontra-se uma bella metaphora

Nunca o poeta espere que a ventura  
 o venha bafejar: eu sei que o genio  
 é sol, em derredor do qual gravita  
 de continuo o planeta da desgraça.

A pag. 161 agrada muito o conceito

e aonde um anjo vértte uma só lagrima  
 e aonde larga as flores d'um sorriso,  
 lá fica a sua essencia!

E'sentido, e move a tristeza o começo da poesia, que  
 vem a pag. 166:

Arcanjo scismador dos meus altares,  
 visão celeste dos meus sonhos breves,  
 lirio sem mancha, minha doce esposa,  
 Adeus!

São do *Ultimo Canto* as linhas que acaba de ler,  
 seja pois tambem esta a ultima belleza, que lhe eu cite.  
 Resta-me responder a um reparo que de certo me vai fa-  
 zer; ha-de perguntar-me se não se encontram incorrec-  
 ções nos *Quadros Cambiantes*, se é esta uma obra perfeita  
 como por exemplo a *Marilia de Gonzaga*.

Não é certamente, e indicar-lhe-hei os defeitos e os erros d'este livro com a mesma sinceridade, com que elogiei os acertos.

Em parte das poesias dos *Quadros Cambiantes* o auctor seguiu o declive natural do seu genio, entregou-se á sua musa, que por mar de rosas o levou quasi sempre a porto seguro; n'outras porem desferiu vôo apoz musa alheia, e pagou com a queda a ingratiidão e desamor, com que tratou a sua.

O modelo que Candido de Figueiredo escolheu para algumas de suas composições foi João de Deus, poeta talentoso, sem duvida, mas que não raras vezes se indis põe com o senso commum, e com o senso poetico, e a ambos maltrata para respeitar unicamente a republica e a rima.

Abundam as poesias de João de Deus nos adverbios *lá e cá*, empregados a modo de espeque para escorar o edificiozinho d'um ou mais versos, a primeira d'estas particulas derrama-a tambem Candido de Figueiredo com demasiada liberalidade.

Arvoa-se ás vezes a musa de João de Deus e sobre põe a umas ideas outras, que não tem com ellas relação, fazendo um todo pouco regular e harmonico; n'isto mesmo cahiu talvez Candido de Figueiredo na poesia M... e mormento na *Invocação*.

Rasteja muitas vezes João de Deus empregando palavras, e servindo-se de ideas em extremo vulgares, é tambem este um defeito que se encontra no livro de Candido de Figueiredo; ahí vai para exemplo do rasteiro um verso, é o primeiro da poesia—*Sombras*.

Vai a gente vivendo n'este mundo...

para exemplo de vulgaridade nas ideas transcrevo-lhe a ultima quadra da poesia—*Tu*:

Tu és ó virgem bella,  
tu és minha alegria,  
tu és a minha guia,  
tu és a minha estrella.

Esta quadra está muito abaixo do talento de Candido de Figueiredo: não é necessario ter este nome para juntar taes ideas, fal-o-hia sem custo o mais insulso e mais chato rimador; a poesia fechava por certo com melhor chave, se terminasse na quadra antecedente:

Tu és o meu thesoiro,  
que aperto contra o peito  
tão rico, que regeito  
por elle cofres d'oiro

Aqui já não havia que reprehender.

Para satisfazer á rima cabe João de Deus em combinações de palavras pouco proprias, e pouco agradaveis: parece-me que o imitou Candido de Figueiredo, quando disse a pag. 86:

Dos labios seus á beira.

Onde será a beira dos labios?

Ha tambem nos *Quadros Cambiantes* algumas palavras que são afeites em vez de enfeites, e que muito prejudicam a naturalidade e simpleza dos versos, em que entram, tal é por exemplo a palavra—certo—como adverbio:

Pergunta-te quem és; a voz da consciencia,  
certo, ha-de proclamar-te o rei da creação.

Restam-me tambem duvidas a respeito da pureza d'algumas phrases e locuções, como por exemplo—prodigar—viços—surtir com significação de emmanar alguma coisa, e—ao—empregado em vez de—no—a pag. 64:

A flor, que entra ao salão vive um momento...

Parece-me tambem que ha nos *Quadros Cambiantes* alguns versos pouco harmoniosos e feitos a desleixo.

Eis o que tinha a dizer-lhe do livro que lhe prometti analysar, não páro porem ainda aqui, permita-me uma digressão.

Depois dos *Quadros Cambiantes* Candido de Figueiredo publicou um poemeto—*Um Anjo Martyr*—poemeto que dedicou a Simões Dias, o auctor da linda poesia a *Roca*, sobre que lhe fallei n'outra carta.

O espirito do homem talentoso como os astros luminosos, está sujeito a ennuclar-se por momentos, foi n'um d'estes momentos, ou n'uma hora de cansaço, que Candido de Figueiredo escreveu o *Anjo Martyr*.

Depois d'isto deixe-me fazer a synthese da minha analyse, e juntar-lhe algumas considerações.

Tem Candido de Figueiredo muito genio poetico, os erros de seu livro são filhos parte da imitação d'um ruim modelo, parte da pouca lição dos nossos classicos, e da tendencia da mocidade para se derramar em flores, cujo valor prejudica e quasi inutilisa a demasia; a estas causas d'imperfeições acerescem duas outras, o fogo da composição e os poucos annos.

Quem for dotado de felice engenho.

Não tema as ondas; lance ao mar seu lenho...

Disse um poeta nosso; não deve pois Candido de Figueiredo colher as vellas, e amarrar o seu elegante barquinho; defeitos que provém da falta do estudo, com o estudo desaparecem; fogo da composição e tendencia para a demasia d'ornatos não podem evitar-se, quando se escreve, mas encontram remedios na reflexão posterior; o desejo violento da gloria e a impaciencia de publicar, que é d'elle resultado, por amor da mesma gloria se combate e sopea.

Os escriptores, que começam, deviam ter sempre diante de si dois avisos, um de Francisco Dias Gomes, do padre Manoel Bernardes o outro, e são:

Quando a emenda certa, quasi sempre é melhor do que quando accrescenta.

Façamos a obra com vagar e repouso, e reprimindo os impetos de querer acabar. Que importa que se acabe,

ser for malleita? Assaz bebeu o prado, meu amigo, tapem-se as levadas; leia os *Quadros Cambiantes* e corrija o meu juizo pelo seu gosto delicado.

Seu amigo e patricio,

J. FREDERICO LARANJO.

Coimbra 6 de maio de 1868.

## REGINA

ROMANCE ORIGINAL

POR

GASTÃO VIDAL DE NEGREIROS

(Continuado do n.º 14)

—Não, filha, não te excrucie essa duvida, respondeu o marido. Eugenia estava desde a infancia condemnada pelos medicos. Bem o sabes...

—Estaria, tornou a senhora. Mas se não fosse aquelle maldito homem, pode ser que a alegria de se ver unida a Raphael a salvasse... Grandes contas temos de dar a Deus!

—Não penses agora n'essas coisas—acudiu Anselmo consternado. O que eu queria era ver-te mais conformada com a vontade do Altissimo. Lembra-te das palavras do santo propheta: «Deus m'as deu, Deus m'as tirou.»

—E' verdade: é assim que fallem os santos e os prophetas, Anselmo, mas nós os peccadores somos formados d'outro barro...—acudiu a senhora.

Anselmo não achou razão que oppor á triste mãe. Depois de estar um pouco callado, perguntou-lhe de repente:

—Queres tu ir ver Regina?

—Não, redarguiu ella promptamente. Bem sabes que não tenho annuido a sahir d'esta casa para fóra. Quero-me aqui, no centro das minhas recordações; quero chorar, no mesmo quarto em que nasceu a minha filha; quero correr por estas salas desertas, que me avivam a cada passo a sua infancia; quero acabar, aonde ella soltou o ultimo suspiro.

—Já vejo que ninguem se lembra de mim...—murmurou o marido.

—Lembro, filho, lembro! exclamou D. Antonia cingindo-lhe o pescoço com os braços, mas eu tenho o sentimento da morte.

N'essa mesma noite, como se D. Antonia só esperasse noticias da filha para deixar o mundo, deitou-se muito anciada e com febre.

Na seguinte manhã o mal aggravou-se rapidamente, a febre progrediu, o delirio era intenso, e os medicos declararam-na atacada d'uma febre cerebral.

E d'alli até á morte, que ainda medion alguns dias, não conheceu mais ninguem. Surda aos gemidos de

Anselmo, o corpo pagava á terra o seu tributo de dores e já o espirito lhe pairava nas regiões immortaes. Despediu-se do mundo sem saudade, e sem conhecer o desamparo em que deixava o homem que tanto a amava!

Agora que ella não é mais entre os vivos, é necessario que chamemos a attenção do leitor para aquelle desventurado esposo e pai. Que poderá salvá-lo do desalento, a não ser o bordão do Christo?

Com a alma golpeada, vamos encontrá-lo com a face rojada no pó, offerecendo a Deus o calix insondavel de tantas amarguras.

Pela sua vez, tambem elle teve de resistir ás instancias da filha, que o chamava para o seu lado; supplicando-lhe que partisse logo para chorarem ambos, quando soube que tão cedo se realisou a prophacia de sua mãe.

Anselmo recusou.

—«Não vou, filha da minha alma—dizia elle no fragmento d'uma carta. Não vou. Tua mãe, aquella santa que lá está no ceo a rogar por nós, dava como fundamento da sua reclusão n'esta casa as reminiscencias de melhores tempos; ora a mim sobram-me de mais os motivos, afferrando-me á memoria d'ella.

«Faz tu por viver feliz; conforma-te com a tua sorte filha, que d'esse modo me dás ainda todas as alegrias que me é dado esperar cá na terra, até quando o Senhor na sua infinita misericordia se lembrar de mim.

«De caminho te digo, que peço muito a Deus que te tenha na sua divina graça, e que nunca tu chegues a conhecer o que é o isolamento no mundo.»

## XI

### Declaração

De relanço, vamos agora saber como Regina viveu n'esses seis annos decorridos até que a avistamos no theatro de S. João.

Resignou-se: diz um leitor sarcastico, ou uma dama espirituosa. Bastavam-lhe os diamantes, as carroagens, as considerações da sociedade, e o seu titulo de viscondessa. Não valerá tudo isto a supressão do coração? Não são todos estes accessorios coisas necessarias á felicidade? Não deve dar-se por contente toda a creatura que desfruta taes bens? Que importa pois que a alma se sinta presa por algemas, se essas algemas são de oiro? Verdadeiras algemas, são os ferros da pobreza e do desconceito. Quando se tem por apanagio tantos d'estes predicados que o mundo inveja, a ventura deve sorrir-nos por força. E' assim que pensa a mór parte da gente.

Pois enganaram-se os leitores de siso.

A viscondessa não se resignou, se resignação se chama acceitar com alegre rosto as consequencias e alternativas da existencia que se entregou ao accaso. O que ella teve, foi a suprema coragem de esconder o lucto que lhe entrajava a alma, e de revestir-se com as galas fingidas de que precisamos ataviar-nos para não ser o pábulo da maldade occiosa.

Chorou a triste vida, como quem chora a morte; irritou-se contra a mocidade e a seiva ardente e vivificadora que a arrancou ao tumulo quase aberto a seus pés.

O passado, todas aquellas miragens de felicidade que lhe enebriaram a meninice do coração, conservava-as sempre vivas e robustas no espirito. Era alli que por assim dizer ella vivia ainda. A memoria da mãe e da irmã; a lembrança do ancião que se sepultara em vida na casinha onde contara as horas felizes de marido e pai; a saudade de Salvador, do melancolico e malfadado mancebo que lhe accordara no seio a primeira pulsação misteriosa, todas estas reminiscencias dolorosas, sangravam ainda no fim de tanto tempo, como nos primeiros dias da sua expatriação.

Quantas vezes, no meio d'um baile, quando mil bocas se abriam aclamando-a rainha do festim, seu olhar se turbava de subito, a voz lhe tremia na garganta, e o peito oppresso arquejava debaixo das sedas e das joias, se um pensamento, uma flor, a fazia ir em espirito visitar os chorados canteiros de Valbon; aquellas alamedas floridas onde via perpassar constantemente tantas imagens adoradas. Bastava pois a vista d'uma folhinha verde, para de repente se reconstruirem os alicerces do seu eden, e desaparecerem de sua imaginação todas as scenas da triste comedia humana em que, bem apezar seu, era obrigada a representar um papel!

Logo que os medicos a deram restabellecida, o visconde assentou fixar a sua residencia em Lisboa. Regina accitou. O que ella não queria era voltar ao Porto. Falliciavam-lhe forças para isso.

Nos primeiros tempos, o visconde foi para ella mais que um marido. Presava-a como filha; adorava-a como mulher; e respeitava-a como esposa sem macula. Desde porem, que passaram a Lisboa, a sua posição enfronhou-o n'uma sociedade corrupta que nem mesmo respeita os cabellos brancos. Admirou-se o visconde d'isto, mas não tardou que o exemplo e os conselhos de meia duzia de parasitas que o destructavam, e sobre tudo os instinctos naturaes do homem e a vaidade, o lançassem no desregramento da chamada roda elegante. O espirito do visconde era curtissimo, e como todas as almas pequenas tinha um fraco terrivel: julgava-se moço. Esquecia os seus cincoenta annos, contemplando ao espelho o impertigado dos hombros, e o bigode negro e luzidio, graças ao transmutatico salvador.

Depois de dois mezes passados na corte, a viscondessa estranhou o marido. E razão de feito havia para isso.

Seu trajar, suas fallas, até mesmo os carinhos que até ali lhe prodigalisava, tudo mudou. Tudo foi para melhor, no entender da inconsolavel senhora, que se achou assim mais livre e á vontade para chorar. Comtudo, não deixava de mortificar-se temendo o ridiculo que cabia sobre ella. Da suspeita de que o marido entretinha relações amorosas com alguma mulher, passou ella logo depois a adquirir certeza. Verdade era. O visconde, cansado de incensar esta Galathea impassivel por quem elle perdera por tanto tempo, como o cyclope Polyphemo, o somno

e o juizo; deu-se a espairecer as magoas com uma dançarina de S. Carlos, a quem um casamento vantajoso e o enfado tinham roubado um dos maiores capitalistas de Lisboa. No começo, estas relações não foram mais que uma distracção de homem dinheiroso, em que se achava empenhado mais o orgulho do que o coração; mas logo que a diva, lhe conheceu o animo, teve a astucia de o captivar com fingidos transportes, a ponto do inepto visconde se julgar amado, e preferido a muitos mancebos que a requestavam.

Quando se divulgou esta nova, não faltou quem risse da austera virtude de Regina. Outros, todavia, lamentaram que tantas graças, tanta perfeição e formosura cahisse nas mãos de quem tão mal a apreciava.

D'ahi, do quase abandono em que ella vivia resultou uma guerra activa e pertinaz da parte de muitos homens occiosos, a quem a belleza da viscondessa tinha impressionado, e que se julgaram authorisados pelo comportamento do marido, a seduzir-lhe a esposa. Muitos d'estes ataques passaram comtudo despercebidos aos olhos d'ella; e os mais audazes tiveram de retroceder corridos, e sem desejo de continuar.

Houve um unico, que se não deu por vencido. Era uma alma persistente e aguerrida n'estas batalhas. Era um sectario experimentado do antigo rifão: «porfia e vencerás.»

Teimou. D. Thomaz de Noronha era um dos cavalheiros mais vistosos e mais queridos dos salões e damas lisboenses. O numero de suas conquistas não se contava a olho facilmente. Era o que se chama um homem feliz. Possuía uma bella casa, e fartos rendimentos para satisfazer todos os caprichos que se compram com dinheiro. Juntava a isto vinte e oito annos de idade, um corpo delicado e esbelto, e um rosto que causava inveja a muitas mulheres.

A alvura da tez, o assetinado das faces, a graça dos labios cõr de carmin que descobriam uns dentes alvissimos meio escondidos no farto bigode louro, as mãos e os pés d'uma pequenez notavel, e enfim a aristocrata amabilidade de toda a sua pessoa denunciava, á primeira vista, a fidalguissima origem da sua ascendencia.

Dizer que elle sentia por Regina a paixão que nos faz tresvariar, ou pelo menos o amor que chega a illudirnos sobre os nossos proprios sentimentos, é que nós não podemos.

N'aquelle composto delicadissimo de materia não havia coração, nem scintilla de luz espirital.

Por via da regra dos contrastes, acontece muitas vezes que estes cherubins com olhos da cor celeste, e que fazem pensar a gente, que no seu involucre adoravel se agitam ideas lucidas e transparentes d'aquelle mundo para que nos parece a todo o instante vél-os desprender as azas e tomar vôo; sejam as creaturas onde se encontra a carnalidade mais entranhada; o vicio mais grosseiro; a torpeza sem o veio mesmo do pudor.

Admiro as louras e pallidas fronte; mas adoro os

olhos negros, avelludados e serenos como a noite ao descahir da tormenta.

E quem não gosta de ver n'uma manhã d'agosto, quando o sol aponta ao nascente, a dama pallida e pensadora envolta no penteador branco, com os cabellos escuros esparços sobre o seio, á janellinha campestre?! Podem os louros cabellos enfeitarem-nos assim? não: eu quero a formosura peninsular. Quero o languido olhar da veneziana, e a côr sympathica da hespanhola.

Se a aurora da vida lhe sorri, que encanto na festiva alegria que ella espargue sobre a terra, toda premicias e esperança! Se o ocaso da mocidade lhe está perto, se o mundo lhe foi tyranno, que enlevo n'aquelle saudoso e supplice rogo que ella eleva até Deus n'um olhar de indescriptivel amargura!

Poeta! Homem de coração, a qual d'estas duas mulheres darias a preferencia? Eu por mim, não sei decidir-me; com quanto os meus trinta e cinco annos ainda me façam crear idealidades que não existem... sonhar, e entir perfumes na alma ulcerada pelas agruras da vida...

Basta de divagações: vamos á historia.

A viscondessa surprehendeu o intento de D. Thomaz de Noronha, e precaveu-se. Admirou a insistencia e preparou-se para reagir com todas as suas forças. Não que ella receasse o transviamento da sua razão, ou um ataque imprevisto. Pela sua dignidade respondia ella; pelo afamado conquistador tinha a segurança de seu entendimento e cavalheirismo. Por tanto, já cansada de importunações de toda a ordem, afoitou-se a dizer-lhe um dia, que era o oitavo ou nono que elle vinha bater á sua porta á hora em que o visconde andava por fóra:

—V. exc.ª incommoda-me.

D. Thomaz que recebera a entrada como uma prova do amolecimento da crueza d'ella, ficou fulminado com a segura da apostrophe, balbuciando:

—E' incrível tanta barbaridade!

—Incrível é o porte de v. exc.ª—repetiu logo Regina. Mas não desbaratemos palavras. Em resumo: que quer dizer tanta pertinacia?

—Que preciso do seu amor! que quero o seu coração! a sua vida! á conta de tudo; mesmo da mi nha, se for preciso—acudiu elle com as mãos juntas e com todo o fogo do enthusiasmo.

Regina sorriu.

—V. exc.ª, dizia ella com serenidade, está-se enganando a si proprio, para não dizer que me quer enganar a mim. Que posso eu ser aos seus olhos?

—Uma gota do orvalho celeste necessario á minha salvação!—interrompeu D. Thomaz. Ouça-me por piedade—continuou elle. Torture-me; martyrise este coração onde a sua imagem foi gravada ao fogo em que ardo; enlouqueça-me de desespero, mas deixe-me vê-la um instante sequer todos os dias. Deixe-me contemplá-la assim, na imponente magestade do seu odio, que está amesquinhando este verme insignificante que se roja a seus pés. Então! nunca, viscondessa? nunca na sua alma

desabrochára um raio misericordioso? Nem a esperança me resta de grangear um dia a sua amizade?

O seu coração está pois immergido nas profundezas da crueldade? Diga-me, diga-me o que se deve fazer para o animar, para tocar o ponto da perfeição. Em que altura será preciso attingil-o? Que rochedos é necessario espedaçar? Sinto que a um olhar seu as minhas forças vigoram como por encanto; julgo-me capaz de tudo, para lhe merecer um sorriso.

Meu Deus?.. tão moça! tão formosa! e tão cruel! Quem o dirá contemplando a infinita doçura d'esses olhos; a suavissima e angelica bondade que está estampada n'essa fronte!... Por que me aborrece? Que ma lhe faço em a adorar? Será um delicto amal-a eu?

(*Continua.*)

### A POESIA DOS BONS TEMPOS

Descrevendo o dr. Antonio Nunes de Carvalho o manuscripto que na Bibliotheca do Rei em Pariz tem o numero 8171, expressa-se d'este modo:—1 vol. em 8.º (ou 4.º portuguez) encadernado em bezerro com lavores e ouro na capa, e folhas com grande primor, apesar de gastado do tempo. O frontispicio assim como as letras iniciaes dos capitulos são ornados com muitos lavores feitos com tinta preta, e alguns com tinta encarnada, e d'esta mesma côr são os summarios de varias Bullas, e outros documentos que contem: as laudas são cercadas com linhas pretas e encarnadas: a letra é muito boa e aceeda, as regras direitas, e bem compassadas: foi escripto em 1593. Tem 135 folhas não numeradas, das quaes tres em branco. Cada pagina tem geralmente quinze regras e cada regra 35 letras. É um treslado authentico feito em publica forma dos privilegios e liberdades dos commendadores, e cavalleiros da ordem e milicia de Christo passado em Thomar a 8 de abril de 1593 a requerimento de Gaspar Vieyra d'Abreu cavalleiro da dita milicia, e tambem das regras e definições da dita ordem, da Profissão de Diogo de Azambuja do Conselho d'El-Rey, Capitão geral da ilha da Madeira, assim como muitos versos no principio e no fim do livro em louvor d'este cavalleiro. No frontispicio lê-se o seguinte:—Aos lectores, e ao commendador Diogno dazambuja de mello do conselho del Rey nosso Senhor.

Seguem-se estes versos:

Aquelles q entendeis da guerra dura  
a força dos perignos desuayrados  
q a fortes nem couardes assegura,  
Notay estes preceptos Regullados:  
Com tanta diseripção, prudencia, e arte:  
De bem, e obediencia professados;  
Vereis sogeito aqui ao sancto Marthe  
O liure Cavaleiro na promeça  
Que faz á fec, e ao Rey em toda a parte;  
Aos quais jura entregar na mayor pressa  
A vida liure, prompta, e occupada  
Na honrosa execução do que professa;  
Vereis q obediencia assi jurada,

Não pede mansidão obbediente  
 Mas liure obbediencia em liure espada,  
 Pois jura obbedecer a seu Rejente  
 Na Mauritana guerra, e sempre ousado.  
 Morrer por q não viu a imigua gente  
 A cruz de Christo leua sempre ao lado  
 Afim q. a tragua sempre descuberta  
 E nella a profissão de seu estado.  
 Porq. inda q. nos outros he cuberta  
 A Insignia q. os declara por imignos  
 De quem os vay buscar na guerra çerta  
 Soos estes se obriguão nos periguos  
 Mostrarem sempre fontos, e attreuidos  
 A sua aos contrarios, ou amignos.  
 Na paz andão por ella conhecidos  
 Na guerra muito mais e em toda a parte  
 Que em toda a cruz de Christo os faz vallidos.  
 Nenu perdeu na vida este estãdarte  
 Que a vida não puzesse por guardallo  
 Primeiro q. o perdesse d'alguã arte,  
 E aquelle q. viuem sem sustentallo  
 Por escusar periguos da Batalha  
 Melhor lhe fora mingua professallo  
 Q em fim fugir aos lanços da baralha  
 Que anda enuolto nella, he cousa infame  
 Indigna dos que usão lança e malha  
 E nunca cavaleiro aqui se chame  
 De Christo o q. por Christo ousadamête  
 A vida e proprio sangue não derrame.  
 Pois êa, a Vos o diguo Illustre gente  
 Que vos meteis nesta Ordem perigosa  
 Trazey primeiro a fee no pecto ardente,  
 Sem ella não jureis a Regra honrosa  
 Que não promette os premios da cõmeda  
 A vida descansada e deleitosa.  
 Senão a quem ousado na contenda  
 Do Mouro se opuser cõ peito forte  
 Por nossa fee que aqy se lhe enõmenda.  
 Por esta o Caualleyro tome a morte  
 Soo nesta tenha tento o Valleroso  
 Que a dene deffender em toda a sorte  
 E quando o Deos liurar do periguoso  
 Seruico a tão grande ordem prometido  
 Aceite o premio honrrado e proueitoso  
 Mas nunca tenha o tento tão metido  
 Na pagna do seruir, que á sua conta  
 Esneça a Deos q he premio mais subido  
 Por quem cõ a vontade sempre prompta  
 No mar, na terra, e campo e entoda a parte  
 Se arrisque e vaa buscar qualqr afronta  
 Que pois de Christo leua o estendarte  
 Em todos os periguos vai seguro  
 Que em todos tem a Deos por sua parte.  
 Não tema da batalha o trãçe duro  
 Que emfim temer não dene o mal da terra  
 Quem tantos bens da gloria tem de juro.  
 E vós Dioguo Illustre que na guerra  
 Tal nome e fama honrrada conseguistes  
 Domando tantos Reis da gente perra  
 Se áquelle grande estado não subistes  
 Que tendes pellas armas merecido  
 Nos Mouros q por ellas destruistes,  
 E aquelle largo Imperio esclarecido  
 Que a vosso Rey, e patria leuantastes  
 Na parte Oriental do geo lusido,  
 Não chegna com seu premio onde chegastes  
 Com tudo o que de vos tendes mostrado  
 No muito que lhes nelle grangeastes

Folguei de ver que os tendes obriguado  
 A mais do que puderão mereceruos  
 Com a pagna, q tão mal vos tem taxado,  
 E pois não querem Jaa satisfazeruos  
 Cõo muito que deuão inda daruos  
 Nem podem co deuudo agradeceruos  
 Satisfazemos vos em Contentaruos  
 Co pouquo que vos derão, nessa ordem  
 Que pode soo por si gualardoaruos  
 Que emfim não sois daquelles que se mordem  
 De muitos q vem n'elles a commenda  
 Do seu melhor seruir com grão desordem  
 Vos sois em quê cabia a grossa Renda  
 Melhor q. em muitos outros q. a leuarão  
 Não com liurar a fee de quem a offenda  
 Mas pois cõ a cruz de Christo vos pagarão  
 Pagainos vós cõ ella bem regendo  
 Os cargos que sobre ella vos lançarão.  
 E pois a professastes promettedo  
 Guardar os estatutos desse estado  
 Que estais á tantos annos merecendo  
 Guardayos, e cõ tento no jurado  
 Regey os outros cargos mais penunos  
 Da Ilha a cujo mando estaes attado.  
 Fazei justiça, e dando aos criminosos  
 Castigo, appremiay cõ leda fronte  
 Aos Bons, que da virtude são zellosos.  
 Lisonjas não oucais nem quem vos conte  
 Por graça o mal alheio d'essa gente  
 Nem concintais q. o riquo ao pobre afronte.  
 Fauorecei aos bons e liuremente  
 Os carguos day da guerra ao canaleiro  
 Rijendo sempre a paz cõ o mais prudente  
 E quando algum achardes tão inteiro  
 Que seja em paz, e guerra sabio, e forte  
 No zello, e nos conselhos verdadeiro  
 Soo d'este vos fiay posto que corte  
 Por cousas que vos dem algum desgosto  
 Com tal que salve a honrra d'este corte  
 E as cousas da fazenda, e nosso gosto  
 A aquelles podeis dar que os granjeare  
 Com ganho, e sem vergonha a nosso Rosto.  
 Amiguo não sejais dos q cuidarem  
 Danarnos cõ o fauor d'essa amizade  
 E a Deus, e a vosso Rey falçificarem.  
 Branduras não reseis, nê piedade  
 Com erros na Republica danosos  
 Que n'estes daua muyto a floxidade  
 E pois tiñestes cargos tão honrrados  
 Com estes não perquais, o que ganhastes  
 Naquelles q vos forão mais custosos  
 Dos quoaís cõ tanta gloria triumphastes.

A estes 133 versos segue-se:—Treslado da profissão que D.º dasábuja de Mello do C.º del Rey nosso Snnõr fez a 23 de setr.º de 1594 no musteiro de nossa Sunõra da lus da orde de nosso Snnõr Jesu-Christo.

No fim tem: Ao Professo:

Tão grande profissão e tão bem dada  
 De hu cavalleyro tal, a tão grão Mestre  
 O menos que obrigou foi propria espada  
 A deffenção da fee, e ao Rey terrestre  
 Por estes sempre em campo, e estacada  
 Co imiguo de cauallo, e co pedestre  
 Te enuolueras, Varão q assi o Juraste  
 Na honrrada profissão q aqui tomaste.